



## **“A Mentira do Ângulo Mais Verdadeiro”: As representações do Brasil na distopia “Brasil Ano 2000”<sup>1</sup>**

Giulia do Nascimento SILVA<sup>2</sup>

Mariana Lucas SETUBAL<sup>3</sup>

Centro Universitário da Fundação Armando Álvares Penteado, São Paulo, SP

### **RESUMO**

O presente artigo busca compreender as representações do Brasil e do brasileiro contidas no filme de Walter Lima Júnior “Brasil Ano 2000” (1969). Isso por meio de análises dos aspectos técnicos e das alegorias do filme, para tanto, utilizam-se textos de Glauber Rocha e Ismail Xavier. Sendo que, foca-se em como o intelectual, o militar e os retirantes são representados nesta distopia à brasileira. Além disso, possui como objetivo entender como o filme foi um reflexo do momento histórico em que foi produzido, isto é, a ditadura militar. Acrescentando-se ainda como o longa se inseriu no movimento nacional do Cinema Novo.

**PALAVRAS-CHAVE:** distopia; alegorias; cinema novo; ditadura; representação.

### **CORPO DO TEXTO/RESUMO EXPANDIDO**

#### **INTRODUÇÃO, METODOLOGIA E FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

O presente artigo buscou compreender como as alegorias e imagens são utilizadas pelo cinema para representar o Brasil e o brasileiro. Para tanto, o filme “Brasil Ano 2000” (1969, Walter Lima Júnior) foi escolhido como objeto de pesquisa a ser estudado e analisado. Assim, o contexto histórico em que o filme foi produzido e as características do gênero deste, isto é a ficção-científica, também foram levados em consideração para tal análise, bem como o fato de que o filme se insere dentro do Cinema Novo. Para tanto, os textos “Alegorias do Subdesenvolvimento”, de Ismail Xavier, “Uma Estética da Fome”, de Glauber Rocha, e alguns textos da coletânea “Brasil Distópico” foram fundamentais para a pesquisa.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na IJ04 - Comunicação Audiovisual do 26º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 1º a 3 de junho de 2023.

<sup>2</sup> Recém graduada do curso de Comunicação Social com Habilitação em Cinema da FAAP, email: [giunascimento@bitolacultural.com](mailto:giunascimento@bitolacultural.com)

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social com Habilitação em Cinema da FAAP, email: [mlsetubal@faap.br](mailto:mlsetubal@faap.br)

Portanto, é interessante notar que os anos que antecederam o Golpe foram os anos do florescimento do Cinema Novo brasileiro. Este que tratava do drama dos retirantes e dos nordestinos e pretendia provocar a revolução por meio do cinema, sendo que seus autores escolheram estes personagens e cenários por acreditarem que o sertão seria o palco das revoluções.

Contudo, esta esperança por mudança cai por terra quando o Golpe de 64 acontece e, com isso, ocorre uma virada do Cinema Novo. O cineasta Walter Lima Júnior, elabora a sua resposta ao Golpe com o filme “Brasil Ano 2000” (Walter Lima Júnior, 1969). Abordando o tema com um viés mais tropicalista e utilizando-se de um gênero pouco explorado pela cinematografia brasileira: a ficção científica. Devido a isso, o diretor traz um olhar brasileiro ao gênero, criando uma distopia que é reflexo evidente dos acontecimentos da época em que o filme foi produzido.

O longa se passa no que, em 1969, parecia um futuro distante, ou seja, o ano de 2000. Ano em que o Brasil entraria na corrida espacial, porém passamos o filme inteiro no aguardo do tão esperado lançamento do primeiro foguete brasileiro. Contudo, o lançamento deste acaba por ser uma paródia ao progresso, já que não acontece quando esperado.

“Brasil Ano 2000” é repleto de arquétipos que representam a situação do pós-Golpe, e os traz para o espectador a partir do drama de uma família de retirantes que faz o caminho oposto ao da realidade, eles iam do Sul em direção ao Norte do país, isso numa situação pós-apocalíptica de um futuro depois da Terceira Guerra Mundial. Porém, esta família acaba ficando na cidade litorânea de Me Esqueci, se passando por indígenas para o entretenimento de um militar que iria visitar a base espacial ali estabelecida, isso em troca de comida e moradia na reserva indígena, manejada por um homem não muito honesto.

O filme é um retrato do imaginário brasileiro, onde o drama é pontuado por cenas líricas. Assim sendo, este é um excelente filme para se analisar as imagens e representações do Brasil e do brasileiro na época da ditadura militar.

Portanto, após a pesquisa de referências bibliográficas, a análise a fundo do filme foi feita em duas partes. Primeiramente, focando em como o intelectual, o militar e os retirantes são representados no filme e, em seguida, focando em como a cidade fictícia, em que a história do filme se passa, é uma representação do Brasil.

Por fim, um paralelo com a atualidade foi traçado, ressaltando o que daquela sociedade persiste no Brasil dos dias de hoje.

## **ANÁLISE DO OBJETO**

Este filme não poderia deixar de mostrar a figura do militar. A distopia de “Brasil Ano 2000” se passa, então, em um futuro em que o “regime é militar, a igreja está no centro da cidade. Na família, porém, é tempo de crise da autoridade.” (XAVIER, 2017, p. 81). Contudo, a figura do general que vai a Me Esqueci é uma paródia aos governantes do Brasil da época, visto que toda a sua campanha de um programa espacial militar é fracassada em uma cena cômica em que o foguete não decola.

O filme ainda critica o intelectual de esquerda com personagens como o arquivista, que vive no subsolo, “guardião de uma memória em conserva que não é mais memória, como o indígena na reserva é apenas um simulacro de indígena, para estudo” (XAVIER, 2012, p.86).

Por último, é importante ressaltar que “Brasil Ano 2000” conta a história de uma família, composta por uma mãe e dois filhos, que abandonam as suas vidas no sul do país para procurarem trabalho e melhores condições de vida no Norte, em um movimento oposto ao dos retirantes de obras clássicas da estética da fome. A cristaleira, cheia de quinquilharias, é o símbolo do passado da família e é tudo que levam em sua jornada, é o que poderia se equivaler à trouxa que Fabiano leva em “Vidas Secas” (1963, Nelson Pereira dos Santos).

Um dos poucos filmes em cor do Cinema Novo, “Brasil Ano 2000” se banha em aspectos da cultura popular brasileira em um longa que retrata uma distopia.

As sociedades distópicas tendem a incorporar com efeitos extremos as tensões de formas atuais de governo, da luta por igualdade transformada no desejo por padronização, de empresas serem responsáveis pelos rumos da organização social, dos políticos estarem despidamente a serviço de interesses privados; processos que carregam consequências para além de si mesmos, alimentando forças de exclusão que impulsionam o colapso de espaços comuns. (ALMEIDA, p. 14).

Assim, o filme representa a sociedade brasileira do presente em que foi produzido, por meio de um cenário de um Brasil futuro. Sendo que os aspectos técnicos do

filme (arte, trilha, roteiro e decupagem) são fundamentais para a construção desta grande alegoria.

Nem como ficção científica, nem como musical, Brasil ano 2000 se põe como espetáculo baseado na intensidade de efeitos [não especiais]. Sua marca é a escassez, a disposição artesanal de cenário e *mise-en-scène*, de modo a incorporar determinados aspectos do filme de gênero e, no mesmo movimento, indiciar sua origem nacional como produto economicamente subdesenvolvido. (XAVIER, 2012, p. 81).

Um dos aspectos mais marcantes do filme é sua trilha sonora, que aproxima o longa ao movimento tropicalista. Esta percorre o filme todo, composta por Rogério Duprat, com músicas de Gilberto Gil, Capinam e Caetano Veloso, e vocais de Gal Costa, traz ao encontro da distopia a cultura brasileira.

O roteiro do filme é extremamente sagaz em suas alegorias e simbolismos. Pode-se começar analisando a cidade de Me Esqueci, em que a família chega e onde o filme se passa. Esta é um símbolo do futuro neste Brasil do ano 2000, mas é, ao mesmo tempo, representação do Brasil da ditadura.

O microcosmo da cidade permite que dados do regime militar sejam representados: a mentalidade de um Brasil que pode ser o futuro do mundo, os jogos de poder (que vemos no filme com as relações entre o militar e figuras da cidade) e as relações sociais, que no filme e na ditadura eram regidas ou por conformismo (como vemos com a figura da mãe) ou por um desejo de mudança (que não necessariamente significa uma luta contra a estrutura vigente, como vemos na figura do homem dos arquivos).

Além disso, o roteiro e a decupagem nos trazem um aspecto cíclico, já que o filme acaba com Ana saindo da catequese, abandonando a vida que esperavam que ela tivesse, deixando as fotos do jornalista para trás e tirando a peruca que ela colocou, que a caracteriza como indígena, e, então, ela se coloca na estrada. Tudo isso ao som da música “Não Identificado”, fechando a problemática da identificação do povo brasileiro com os indígenas do país, enquanto reforçava o caráter cíclico da jornada da migração e também da própria história.

Pela suposição de um Brasil onde, apesar de todos os males, poderíamos nos reencontrar em nossa própria representação, mas às avessas – tornar-se indígena nas profundezas de um país devastado pela Terceira Guerra Mundial. (MOURA, 2017, p. 23).



Em suma, o filme é uma distopia à brasileira, em que alegorias e elementos típicos do Brasil simbolizam a realidade, trazendo uma grande crítica ao apagamento histórico, que, pode-se concluir com este final, somado ao restante do filme, pode gerar uma repetição da própria história.

## CONCLUSÃO

O filme, então, não se propõe a fazer o que “Deus e o Diabo na Terra do Sol” (Glauber Rocha, 1964) fez, ou seja, o filme não apresenta uma teleologia que dá ao espectador uma esperança pela revolução. “Brasil Ano 2000” se aproxima da paródia tropicalista trazendo um ar de extrema ironia no final que não prevê um futuro melhor do que o presente.

Em suma, o longa que Walter Lima Júnior produz como resposta ao Golpe, continua sendo um retrato atual do Brasil, um país com dificuldade de lembrar o passado. Portanto, podemos ver o próprio filme como uma das frases do personagem jornalista, como uma “mentira do ângulo mais verdadeiro”, por se tratar de um filme com um cenário totalmente fantasioso, mas que, ainda assim, representa a realidade do Brasil e de seus habitantes.

## REFERÊNCIAS

### BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Rodrigo. “O Fim do Mundo Como Conhecemos” in **Brasil Distópico**. 1. ed. Rio de Janeiro: Ponte Produções, 2107.

ALMEIDA, Rodrigo; MOURA, Luís Fernando. “Brasil Ano 2000” in **Brasil Distópico**. 1. ed. Rio de Janeiro: Ponte Produções, 2107.

MOURA, Luís Fernando. “Em Torno do Brasil e Seus Duplos” in **Brasil Distópico**. 1. ed. Rio de Janeiro: Ponte Produções, 2107.

ROCHA, Glauber. “Uma estética da fome” in **Revista Civilização Brasileira**, n. 3, jul. 1963.



SUPPIA, Alfredo. “Nas Veredas do Tempo e a Contrapelo da História: por um cinema brasileiro de ficção científica” in **Brasil Distópico**. 1. ed. Rio de Janeiro: Ponte Produções, 2107.

XAVIER, Ismail. **Alegorias do Subdesenvolvimento**. 1. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

## FILMOGRAFIA

**BARRAVENTO**. Direção: Glauber Rocha. Produção: Braga Neto; Rex Schindler. Intérpretes: Antônio Pitanga; Luiza Maranhão; Lucy de Carvalho; Aldo Teixeira; Lídio Silva e outros. Roteiro: Luiz Paulino Dos Santos; Glauber Rocha; José Teles. Música: Canjiquinha. Brasil: Iglu Filmes, 1962. 1 Vídeo no YouTube (77 min.). Preto e Branco. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=18z3Ppo9ISw>>. Acesso em 11 de junho de 2021.

**BRASIL Ano 2000**. Direção: Walter Lima Júnior. Produção: Walter Lima Júnior. Intérpretes: Anecy Rocha; Ênio Gonçalves; Iracema de Alencar; Hélio Fernando e outros. Roteiro: Walter Lima Júnior. Música: Rogério Duprat; Gilberto Gil. Brasil: Mapa Filmes, 1969. 1 Vídeo no YouTube (95 min.). Cor. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6m2XwwTCx44>>. Acesso em 11 de junho de 2021.

**DEUS e o Diabo na Terra do Sol**. Direção: Glauber Rocha. Produção: Luiz Augusto Mendes. Intérpretes: Geraldo Del Rey; Yoná Magalhães; Othon Bastos; Maurício do Valle; Lídio Silva e outros. Roteiro: Glauber Rocha. Música: Sérgio Ricardo. Brasil: Copacabana Filmes; Luiz Augusto Mendes Produções Cinematográficas, 1964. 1 Vídeo no YouTube (118 min.). Preto e Branco. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=OlgBrV-E0v0>>. Acesso em 11 de junho de 2021.

**TERRA em Transe**. Direção: Glauber Rocha. Produção: Glauber Rocha. Intérpretes: Jardel Filho; Paulo Autran; José Lewgoy; Glauce Rocha; Paulo Gracindo e outros. Roteiro: Glauber Rocha. Música: Sérgio Ricardo. Brasil: Mapa Filmes; Difilm, 1967. 1 Vídeo no YouTube (108 min.). Preto e Branco. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=OggnXHvy9L0&t=5078s>>. Acesso em 11 de junho de 2021.

**VIDAS Secas**. Direção: Nelson Pereira dos Santos. Produção: Luiz Carlos Barreto; Nelson Pereira dos Santos; Herbert Richers; Danilo Trelles. Intérpretes: Átila Iório; Maria Ribeiro; Orlando Macedo; Joffre Soares; Gilvan Lima; Genivaldo Lima e outros. Roteiro: Nelson Pereira dos Santos. Música: Leonardo Alencar. Brasil: Luiz Carlos Barreto Produções Cinematográficas; Regina Filmes; Sino Filmes, 1963. 1 Vídeo no YouTube (100 min.) Preto e Branco. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=m5fsDcFOdwQ>>. Acesso em 11 de junho de 2021.